
Um convite a uma sessão cinematográfica sobre as relações de poder na cozinha: o potencial da análise fílmica para o ensino da gastronomia

An invitation to a film session about power relations in the kitchen: the potential of film analysis for teaching gastronomy

Tereza Cristina Vieira Braga¹, Anderson Luis da Paixão Café^{2*}, Gillian Leandro de Queiroga Lima¹

RESUMO

O campo da gastronomia, de acordo com as agências de fomento à pesquisa no Brasil, está classificado na grande área das ciências da saúde. Entretanto, apesar dessa classificação oficial, pode-se dizer que a gastronomia é atravessada por uma série de questões teóricas e metodológicas, de natureza interdisciplinar, que a expande para além de suas fronteiras disciplinares. Nesse sentido, este artigo objetivou discutir a filosofia francesa de Michel Foucault, sobretudo a partir da fase genealógica do pensador, quando foram abordadas as principais características do poder disciplinar e do biopoder. Além dessa abordagem inicial, apresentou-se a análise fílmica da obra cinematográfica denominada “Gosto se discute” nos quais foram destacados trechos que evidenciaram a plena operacionalização das tecnologias de adestramento dos corpos no interior de uma cozinha de um tradicional restaurante paulista. Espera-se que o presente trabalho colabore para potencializar, cada vez mais, o uso de obras cinematográficas enquanto recurso didático e pedagógico no campo educacional.

Palavras-chave: Filosofia francesa; Michel Foucault; Poder; Obra cinematográfica; Gastronomia.

ABSTRACT

The field of gastronomy, according to research funding agencies in Brazil, is classified in the large area of health sciences. However, despite this official classification, it can be said that gastronomy is crossed by a series of theoretical and methodological issues, of an interdisciplinary nature, which expands it beyond its disciplinary boundaries. In this sense, this article aims to discuss the French philosophy of Michel Foucault, especially from the genealogical phase of the thinker, when the main characteristics of disciplinary power and biopower were addressed. In addition to this initial approach, a film analysis of the cinematographic work called “Gosto se discussed” was presented, in which excerpts were highlighted that showed the full operationalization of body training technologies inside the kitchen of a traditional restaurant in São Paulo. It is expected that the present work will collaborate to enhance, more and more, the use of cinematographic works as a didactic and pedagogical resource in the educational field.

Keywords: French philosophy; Michel Foucault; Power; Cinematographic work; Gastronomy.

¹ Universidade Federal da Bahia.

² Tribunal de Justiça do Estado da Bahia.

* e-mail: andersoncafe2011@gmail.com

INTRODUÇÃO

Tratar sobre o poder, nas sociedades contemporâneas, tornou-se assunto obrigatório nas agendas políticas de sociedades que se pretendem diversas, múltiplas e plurais. Os avanços das forças do fascismo, do racismo, da xenofobia, do nazismo e da intolerância religiosa, somente para citar algumas, invadiram países e culturas em todo o mundo, o que tem demandado o desenvolvimento de estratégias políticas e educacionais para fazer frente ao avanço dessas forças repressoras que buscam silenciar todas as perspectivas de reconhecimento e valorização da diversidade e pluralidade cultural.

Se combater as forças do fascismo é preciso, sobretudo em sociedades emergentes como a brasileira, que assiste, sistematicamente, o avanço do fascismo na política, na economia, na religião e na cultura, então se faz necessário, urgentemente, a busca de ferramentas teóricas e epistemológicas que estejam aptas a conter a opressão, a violência, a subjugação e a perseguição às todas as formas de vida que se pretendem livres e plurais.

Na história do pensamento filosófico ocidental, não faltaram teorias e/ou pensadores que se debruçaram sobre a temática do poder. Na antiguidade clássica, é preciso lembrar-se de Sócrates que, diante da tirania e da audácia dos poderosos atenienses, optou por tomar cicuta (veneno) ao ter que se submeter ao sistema de opressão e dominação existente na sociedade grega de sua época. Na idade moderna, especificamente a partir do movimento iluminista, o leitor encontrará um grupo de pensadores (conhecidos como contratualistas) que estudaram o poder sob a ótica do fortalecimento do Estado moderno. Assim, pensadores do porte de Jean-Jacques Rousseau e Thomas Hobbes, somente para citar alguns, apesar de partirem de pontos de vistas distintos em relação à formação do ser (bom selvagem e o homem como lobo do homem, respectivamente), coincidiram no que diz respeito à concepção de uma visão de poder associada à ideia de uma coisa ou objeto (MARCONDES, 1997; CHAUI, 2002; GHIRALDELLI JÚNIOR, 2002; Warburton, 2012).

Hegel e Marx, dois pensadores da tradição filosófica ocidental, também estudaram as questões do poder, partindo da consciência histórica e do materialismo dialético, respectivamente. Enquanto Hegel acreditava que o “[...] processo histórico e a formação da consciência restringia-se ao plano das ideias e representações do saber e da cultura, não levando em conta as bases materiais da sociedade” (MARCONDES, 1997, p. 233), Karl Marx, por sua vez, inverteu essa concepção Hegeliana ao afirmar que “[...] o homem

não é de fato o senhor de seus pensamentos nem o responsável único por seus atos (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2002, p. 95), pois não era a sua consciência que determinava a realidade, mas, pelo contrário, era a realidade material e histórica que edificavam a sua consciência. Para ambos os pensadores, portanto, a noção de poder estava atrelada a uma força repressiva que atuava, exclusivamente, sobre a mentalidade dos indivíduos, forjando, assim, a noção de ideologia enquanto um poder que age sobre as mentes dos sujeitos.

É muito provável que o leitor, a partir desta brevíssima introdução, já tenha capturado algumas noções gerais a respeito do poder. Em Sócrates, por exemplo, viu-se a noção de poder atrelada ao aspecto repressivo e proibitivo, pois, para continuar a transitar livremente por Atenas, Sócrates deveria abandonar todas as suas crenças, enquadrando-se ao regramento social e moral vigente na época. Entre os contratualistas, notou-se a ideia de poder enquanto objeto a ser possuído ou transferido para a estrutura do Estado, de tal modo que esse pudesse garantir a convivência social. Já em Hegel e Marx, observou-se uma concepção de poder vinculada a uma força discursiva que atuava, predominantemente, sobre as mentes e não sobre os corpos dos indivíduos. Mas será que essas seriam as únicas concepções de poder?

Para abordar a temática do poder, nas discussões sobre ética gastronômica, optou-se por expandir a compreensão da noção de poder abordando-a pela perspectiva da filosofia francesa de Michel Foucault que o entende não como um conjunto de forças repressivas que atua, exclusivamente, sobre as mentes dos indivíduos, mas, pelo contrário, enquanto dispositivo que opera sobre mentes e corpos com o objetivo de fabricar pensamentos, comportamentos, gestos, atos, vontades e atitudes condizentes com a lógica de controle e de dominação que estruturam as instituições disciplinares.

Nesse sentido, ao darem prosseguimento à leitura deste manuscrito, os leitores encontrarão uma abordagem sobre a analítica do poder sob a ótica foucaultiana e terão acesso aos conceitos de poder disciplinar, tecnologias disciplinares e biopoder. Dando continuidade ao texto, os leitores encontrarão, também, uma análise fílmica do longa-metragem nacional intitulado “Gosto se discute”, ocasião na qual observarão a plena operacionalização do poder disciplinar sobre as mentes e os corpos dos indivíduos que atuam na cozinha de um tradicional restaurante paulista. Por último, são esboçadas as principais conclusões deste trabalho.

A ANALÍTICA DO PODER SOB A ÓTICA DE MICHEL FOUCAULT

Se uma das frases impactantes da filosofia de Michel Foucault é a de que é preciso sacudir as evidências, isto é, de que é preciso pensar, sempre, diferentemente de tudo o que já se pensou, essa noção também esteve presente em sua discussão a respeito do poder. Enquanto a tradição filosófica entendia o poder como algo puramente repressivo, ou seja, como uma propriedade proibitiva da existência humana, a filosofia foucaultiana defendia a tese de que o poder “[...] não é sempre uma forma de repressão, podendo ser, também, um convite à ação. Mais que uma agência proibitiva, o poder é visto por Foucault como uma multiplicidade de focos existentes na sociedade” (SOUZA, 2014, p. 110).

Outra evidência sacudida por Michel Foucault em relação às concepções tradicionais do poder é a de que esse não está relacionado, necessariamente, a um objeto, de tal maneira a se possuir ou não. Diferentemente dos marxistas que acreditavam que o poder estava centrado nas mãos da classe burguesa, cabendo aos proletários organizar a luta para conquistá-lo, Foucault concebe o poder como uma força que atua no nível micropolítico, pois, para o pensador francês, o poder não está localizado em nenhum ponto específico da estrutura social até porque o poder “[...] não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existem de um lado os que detêm o poder e de outro aqueles que se encontram aliados dele. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem práticas ou relações de poder” (MACHADO, 2014, p.17).

De dentro da caixa de ferramentas foucaultiana saíram dispositivos epistêmicos valiosos para o entendimento das relações de poder. Soube-se, a partir da filosofia de Michel Foucault, de que o poder não é apenas repressivo, mas produtivo no sentido de controlar “[...] minuciosamente as operações do corpo [no intuito de realizar] uma sujeição constante [dos corpos], impondo-lhes uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2013, p. 133). Do interior dessa caixa, extraiu-se, também, a compreensão de que o poder não se reduz a uma propriedade macropolítica, mas, antes, a um dispositivo micropolítico, capilar e corporal que está na base das relações cotidianas dos indivíduos. Dito de outra forma, o poder age “[...] sobre os corpos, impondo gestos, atitudes, usos e divisões no espaço” (BERT, 2013, p. 86), através de tecnologias disciplinares.

As tecnologias disciplinares, dentro da perspectiva foucaultiana, foram “[...] procedimentos inventados, aperfeiçoados e que se desenvolvem sem cessar. Existe uma verdadeira tecnologia do poder ou, melhor, dos poderes, que tem a sua própria história” (FOUCAULT, 1980 apud CASTRO, 2009, p. 412) e que são acionadas todas as vezes

que se pretende exercer controle e vigilância sobre os corpos. Essas tecnologias são utilizadas no sentido de impor uma coerção calculada e pormenorizada sobre os indivíduos, a qual “[...] percorre cada parte do corpo, assenhorando-se dele; dobrando-o em conjunto; tornando-o perpetuamente disponível e prolongando-se em silêncio no automatismo dos hábitos” (FOUCAULT, 2013, p. 131).

Nas sociedades disciplinares, alerta Díaz (2012, p. 22), exercem-se um “[...] controle minucioso das operações do corpo” de tal modo a sujeitar as forças corporais e produtivas dos organismos humanos aos dispositivos de vigilância e de controle em operação nas instituições disciplinares porque, em última instância, todo poder disciplinar visa fabricar um corpo dócil, ou seja, “[...] um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2013, p. 132).

Se Michel Foucault, em sua fase genealógica, se dispôs a mostrar o quanto o poder soberano, centrado na autoridade e na vontade do rei, se revelou altamente custoso e improdutivo, por outro lado, o pensador flagrou o exato momento histórico (final do século XVIII e início do XIX), no qual uma nova tecnologia de poder surgiu de forma silenciosa, sutil, menos visível e muito discreta que, em vez de dilapidar o corpo, como no julgamento de Damens, relatado no livro intitulado “Vigiar e Punir”, incitou o corpo a agir produtivamente, através de técnicas ou tecnologias de adestramento dos corpos, a exemplo da clausura, do quadriculamento, do controle do tempo, do exercício, da sanção normatizadora e do exame.

Conforme já argumentado, o poder, na analítica foucaultiana, é uma força; é um exercício; é um conjunto de ações institucionais e individuais que vem de fora (das amplas redes de poder que estão espalhadas por toda a sociedade) e se instala, sutilmente, sobre as mentes e os corpos dos sujeitos dentro de espaços sociais específicos como presídios, manicômios, escolas, hospitais, casernas e etc. Em outras palavras, o exercício do poder procede “[...] em primeiro lugar, de uma distribuição dos indivíduos nos espaços” (FOUCAULT, 2013, p. 137) e a técnica da clausura serve, justamente, para criar, nas instituições disciplinares, espaços que “[...] a arquitetura deixava geralmente livre e pronto para vários usos” (FOUCAULT, 2013, p. 139).

Dessa maneira, quando a literatura foucaultiana está discorrendo sobre a clausura ela se refere aos estímulos para a criação e a edificação de lugares determinados que satisfaçam “[...] não só a necessidade de vigiar e de romper as comunicações perigosas, mas, também, de criar um espaço útil” (FOUCAULT, 2013, p. 139) capaz de evitar a

circulação difusa e o desaparecimento descontrolado dos indivíduos de dentro das instituições de vigilância.

Na instituição disciplinar denominada escola, por exemplo, os espaços de clausura são delimitados por paredes, divisórias, portas, grades, muros e portões que edificam uma arquitetura disciplinar na qual os corpos permanecem individualizados por departamento escolar. Em cada um desses espaços específicos de controle circulam professores, alunos, servidores técnico-administrativos, de modo que nada nem ninguém passem despercebidos pela estrutura do poder.

Nesses espaços de localização individual, a “[...] minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão uma racionalidade econômica ou técnica” (FOUCAULT, 2013, p. 136) capaz de vigiar cada movimento dos corpos, evitando a deserção e a aglomeração no interior de uma sociedade regida pela lógica da produção e da acumulação de capital.

No que diz respeito à sociedade disciplinar, faz-se necessário destacar que os controles das localizações dos corpos não se restringem às instituições disciplinares tradicionais como escolas, hospitais e/ou presídios, mas abrangem, também, outras instituições sociais como os restaurantes que controlam o desempenho dos corpos nas cozinhas. Dentro de um ambiente gastronômico, há espaço para a localização do chef; do sub-chef; dos auxiliares de cozinha; dos garçons e do pessoal da administração do restaurante, de tal modo que cada corpo seja individualizado e controlado. Em outras palavras, há toda uma edificação arquitetônica pensada para localizar, geograficamente, o desempenho dos corpos.

Arelada à clausura, Michel Foucault mostrou que existe outra tecnologia disciplinar relacionada à fabricação dos corpos dóceis que se chama quadriculamento. Se a clausura é a edificação de espaços arquitetônicos para localizar e individualizar os corpos em face da multiplicidade de funções a serem exercidas dentro das instituições disciplinares, o quadriculamento corresponde ao ato de classificar; ordenar; graduar e hierarquizar os corpos dentro desses espaços arquitetônicos, de acordo com o desempenho de suas funções. Nas escolas, os indivíduos são ordenados em “[...] filas de alunos na sala, nos corredores e nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa; colocação que eles obtêm de semana em semana; alinhamento das classes por idade; sucessão dos assuntos ensinados, sucessão das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente” (FOUCAULT, 2013, p. 141).

Nas instituições prisionais, objeto de estudo de Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, o quadriculamento é perceptivo quando se observa a existência de instituições de custódia especializadas para homens, mulheres e adolescentes. No interior das prisões masculinas, os apenados são quadriculados de acordo com o grau de periculosidade dos crimes praticados.

Quadricular, na sociedade disciplinar, é criar espaços homogêneos para agrupar corpos e instituições que possuam características semelhantes, a fim de escaloná-las dentro de um conjunto de métricas que as diferenciem de outras instituições disciplinares. Se entre as instituições prisionais existem aquelas que abrigam detentos perigosos e aquelas que agrupam adolescentes em situação de risco social, traçando uma linha classificatória entre esses corpos anormais, para usar uma categoria foucaultiana relevante nos estudos sobre o poder, nas instituições gastronômicas são encontrados chefes que são quadriculados por instituições avaliativas que medem o poder criativo e imaginativo desse profissional de acordo com o paladar e o nível de satisfação do avaliador que, discretamente a moda de um poder disciplinar, se instala nos restaurantes a serem avaliados, a fim de experimentar as iguarias e atribuir uma nota que quadriculará o restaurante examinado perante os demais.

Se o surgimento do tempo e do espaço está relacionado, desde a mitologia grega, ao movimento realizado por Krónos para libertar todos os titãs da barriga de Gaia, fazendo nascer às noções de tempo e de espaço (FERRY, 2012), o poder disciplinar, por conseguinte, não se preocupou, apenas, em arquitetar um espaço de localização e individualização dos corpos, mas, antes, se organizou em torno da criação de um tempo integralmente útil, de maneira que nenhuma atividade pudesse ser realizada sem o aproveitamento máximo das forças dos corpos.

A técnica de disciplinamento dos corpos conhecida por controle do tempo, conforme relevou Foucault (2013), surgiu, primeiramente, nos mosteiros medievais com as práticas das orações nas primeiras horas do dia. Entretanto, como toda tecnologia disciplinar objetiva maximizar as forças produtivas dos corpos, essa prática se espalhou para as demais instituições sociais e, nos dias atuais, é usada como medidor de desempenho organizacional para diferentes finalidades, pois nada deve escapar ao controle do tempo.

Os corpos, para se tornarem mais eficazes dentro da engrenagem produtiva moderna e contemporânea, obedecem às regras de controle de horários para cada

atividade. Em uma escola, diz Foucault (2013), o professor deve ter um horário específico para cumprimentar os alunos; deve estabelecer um horário próprio para a realização da chamada escolar. Após um tempo cronometrado, o professor deve iniciar a exposição didática, prevendo um horário de intervalo para lanches e um horário final para o término da aula. No campo hospitalar, o controle minucioso do tempo começa a contar desde a confirmação da presencialidade do paciente no recinto médico. A chamada, pelo painel, já representa os primeiros controles dos pacientes no interior da clínica médica. Para os médicos se tornarem mais produtivos dentro dessa engrenagem, eles terão que seguir a métrica temporal, criando um tempo útil para escutar os pacientes; um tempo eficiente para auscultá-lo; um tempo aproveitável para diagnosticá-lo e um tempo preciso para receitá-lo, de tal modo que “[...] para cada movimento é determinada uma direção, uma amplitude, uma duração; é prescrita sua ordem de sucessões. O tempo penetra o corpo e, com ele, todos os controles minuciosos do poder” (FOUCAULT, 2013, p. 146).

No campo gastronômico, o tempo utilizado na preparação dos pratos passou a ser uma das métricas utilizadas pelos clientes para decidirem a respeito da utilização ou não dos serviços. Não é por acaso que em quaisquer que sejam os programas de masterchef, exibidos em programas de rádio e/ou televisão, o tempo utilizado na preparação dos alimentos é um indicador de relevância na avaliação do desempenho dos participantes.

Na cozinha, cada passo dado pela brigada precisa ser, milimetricamente, calculado, a fim de se fabricar comidas saborosas e dentro das expectativas temporais dos clientes até porque, na sociedade disciplinar, “[...] nada deve ficar ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido” (FOUCAULT, 2013, p. 147). A rapidez e a precisão dos movimentos corporais do chefe e dos seus auxiliares em relação aos seus instrumentos de trabalho; a atenção contínua quanto aos horários dos pedidos, assim como a ansiedade e o estresses desses sujeitos são evidências de que o controle do tempo é amplamente utilizado na gastronomia contemporânea.

Além de mostrar a forma pela qual o poder disciplinar organiza um tempo integralmente útil e produtivo, Foucault (2013, p. 159) ressaltou que, na perspectiva das disciplinas, “[...] não há um só momento da vida de que não se possam extrair forças” e, para isso, faz-se necessário combiná-las em prol da maximização da produção. A composição das forças dos corpos, no vocabulário foucaultiano, significa empreender um conjunto de ações que ponham em sincronia ou em exercício os movimentos corporais.

No interior dos estabelecimentos escolares, o corpo singular do professor ou da professora é colocado em articulação com outros corpos singulares da instituição de tal maneira que a escola cumpra com os seus objetivos institucionais. Sob o comando de um diretor ou de uma diretora, todos os atores escolares (docentes, discentes, equipe pedagógica e pessoal técnico-administrativo) devem executar, articuladamente, as funções escolares próprias de seus cargos, visto que a eficiência dos corpos “[...] repousam na brevidade e na clareza; a ordem não tem que ser explicada, nem mesmo formulada; é necessário e suficiente que provoque o comportamento desejado” (FOUCAULT, 2013, p. 159).

A composição das forças dos corpos em escolas, hospitais, casernas, presídios, manicômios, empresas, restaurantes e demais instituições disciplinares contribuem, por assim dizer, para a maximização das forças produtivas, potencializando a atuação dessas instituições. Nesse sentido, vale ressaltar que, quando esses corpos não conseguem ser produtivos porque se tornaram “[...] inadequados à regra [ao praticar ações] que se afasta dela” (FOUCAULT, 2013, p. 172) aciona-se outro dispositivo disciplinar de correção, adequação, ajustamento e submissão denominado “sanção normatizadora”.

A sanção normatizadora se contrapõe ao reconhecimento; à promoção e à gratificação que um corpo possa vir a ter dentro de uma engrenagem produtiva. A técnica, conforme evidenciou Foucault (2013), está relacionada a um ato de punição aos corpos que se desviaram e se desajustaram das perspectivas disciplinares e que necessitam, imediatamente, de ajustes e correções que serão recompensados com o fornecimento de gratificações/premiações.

Nas escolas, a sanção normatizadora é acionada todas as vezes que o estudante se desvia do regimento disciplinar do colégio. Aliás, os estabelecimentos escolares chegam a contratar inspetores que rondarem os espaços físicos da escola, a fim de vigiarem os atos de professores, alunos e funcionários. A tecnologia da sanção normatizadora, de acordo com o filósofo francês, está atrelada à existência de outra técnica disciplinar conhecida como exame.

Ainda no campo da educação, a sanção normatizadora é colocada em prática todas as vezes que um estudante não obtém a nota mínima estabelecida para a sua aprovação, sendo, portanto, reprovado ou quando a própria escola não conquista um desempenho de destaque nas avaliações educacionais, o que lhe faz perder posições e prestígios perante

outros estabelecimentos escolares, impactando, inclusive, no número de alunos que escolherá a instituição para educar-se.

A sanção normatizadora, por assim dizer, é um dispositivo estrutural que está na base das instituições disciplinares e que funciona a moda de um mecanismo de coerção, ajustamento e adestramento de conduta. No campo gastronômico, essa tecnologia está presente nas ações da Vigilância Sanitária que, em suas correições, aplicam sanções normatizadoras em unidades gastronômicas, a exemplo de bares, lanchonetes e restaurantes que descumprem os requisitos técnicos de manipulação, conservação e comercialização de alimentos.

Por fim, mas não menos importante, a última tecnologia disciplinar descrita por Foucault (2013, p. 184), em seus estudos sobre o poder, foi o “exame” que, articulada com a vigilância hierárquica e com a sanção normatizadora, potencializa “[...] grandes funções disciplinares de repartição e classificação, de extração máxima das forças e do tempo, de acumulação genética contínua, de composição ótima das aptidões”. Na sociedade disciplinar, destaca Foucault (2013), não é suficiente observar os movimentos dos corpos dentro de mecanismos celulares, orgânicos, genéticos e combinatórios, mas é preciso, também, por meio da verificação, produzir efeitos produtivos e duradouros no interior da maquinaria produtiva e, para tanto, é necessário “[...] julgá-lo e isso depende de se normalizar o julgamento para o seu exercício continuado” (HOFFMAN, 2018, p. 51).

Dessa maneira, o exame corresponde a uma espécie de olhar normatizador que transformam os indivíduos, dotados de múltiplas subjetividades, em objetos sujeitados. É no coração dos processos disciplinares, disse o filósofo francês, que o exame se manifesta na “[...] sujeição dos que são percebidos como objetos e na objetivação dos que se sujeitam” (FOUCAULT, 2013, p.177), sendo que os instrumentos dessa conversão, no campo educacional é a prova; é o olhar do mestre; é a entrevista; é a argüição; é o seminário; é a apresentação; é a aula dada pelo docente. Em resumo, o exame corresponde ao ato de verificação da conformidade das ações dos corpos aos dispositivos normatizadores que estruturam as instituições disciplinares.

Quando a filosofia de Michel Foucault problematiza a respeito da necessidade de o sujeito pensar, diferentemente, de tudo aquilo que já pensou, a fim de libertar o pensamento dos grilhões do preconceito, da discriminação e do fascismo, Foucault está dizendo, de outro modo, que se pode pensar, sempre, diferentemente de tudo o que já foi

pensado porque a realidade, em última instância, não é uma construção da natureza, mas uma edificação sócio-histórica e cultural fabricada pelos homens e, por isso, plena de possibilidades.

Nesse sentido, no intuito de evidenciar as condições históricas de possibilidades que fizeram os sujeitos pensarem e agirem de determinada forma e não de outra, Michel Foucault realizou as suas escavações arqueológicas, através da abertura dos arquivos, a fim de mostrar, exatamente, o momento das rupturas, das discontinuidades e das fragmentações discursivas para demonstrar, dentre outras coisas, que tudo aquilo que se afirma enquanto uma verdade válida universalmente pode ser objeto de questionamentos e de investigações.

Foi assim que Michel Foucault, como todo grande epistemólogo do saber, recuou no tempo para mostrar que tudo aquilo que se dizia a respeito do poder, entendido na época (início do século XVII) enquanto substância, propriedade ou atributo poderia ser questionado e, através de estudos, ele flagrou o exato momento histórico no qual o poder do soberano se transformou em poder disciplinar e esse último, já no final do século XVIII, em biopoder.

O poder do soberano correspondia a uma substância ou propriedade de uso exclusivo do rei. Por meio dele, o soberano afirmava a sua força; o seu poder; a sua soberania e a sua autoridade perante os súditos. Uma das características desse poder jurídico-legal estava relacionada ao fato de que a afirmação da vida advinda da confirmação da morte de todos que desobedecessem às ordens do rei, ou seja, a exaltação da vida do rei se efetivava pela morte dos súditos, pois o soberano possuía o “[...] direito de tirar não somente vida, mas a riqueza, os serviços, o trabalho e os produtos. O seu único poder sobre a vida consistia em apoderar-se dessa vida, terminá-la, empobrecê-la ou escravizá-la” (TAYLOR, 2018, p. 64).

Em suas análises genealógicas, Michel Foucault mostrou que, aos poucos, o poder centrado na figura do rei foi sendo substituído por outras tecnologias de poder que, diferentemente de pretender reprimir o corpo, voltou-se para conhecê-lo em detalhes. A esse poder, que Michel Foucault chamou de disciplinar, houve todo um investimento no corpo não para subtraí-lo, mas, pelo contrário, para produzi-lo dentro da maquinaria produtiva das sociedades modernas.

Entretanto, em suas análises genealógicas, o filósofo francês flagrou, mais uma vez, outra transformação no que tange ao exercício do poder ao destacar que, no final do

século XVIII, o poder deixou de ter uma ênfase anatomopatológica voltando-se para a questão biopolítica, cujo corpo populacional passou a ser o seu novo objeto de ação. O nascimento do biopoder ou de “[...] um poder sobre o bios ou a vida” (TAYLOR, 2018, p. 68) foi uma nova forma de gerir a vida e a produtividade dos corpos populacionais. Se o poder do soberano afirmava-se pela morte, o biopoder afirmou-se pela vida, pois seu maior compromisso era garantir a vida dos corpos populacionais, através de estimativas estatísticas relacionados aos aspectos fundamentais da existência humana, tais como taxas de natalidade, fertilidade, mortalidade; imigração, habitação, mortalidade e etc (FOUCAULT, 1988).

Em sua análise ascendente do poder, Michel Foucault evidenciou que não era exclusividade das instituições disciplinares exercerem poder sobre os corpos individuais, visto que coube ao Estado, ainda que esse não tenha deixado de ser uma instituição disciplinar, desempenhar estratégias de conservação, preservação e estímulo à produção econômica do corpo populacional. Dito de outra maneira, não é suficiente realizar o controle exclusivo sobre os corpos inseridos dentro das instituições disciplinares, mas é preciso, também, gerenciar a vida coletiva de toda a sociedade e, para isso, saberes como os da sociologia, psicologia, demografia, estatística, gastronomia e demais ciências tornaram-se indispensáveis.

ENSINANDO O PODER ATRAVÉS DE UMA OBRA CINEMATOGRAFICA

Se o educador não pode ser caracterizado, apenas, enquanto profissional responsável pela socialização de saberes, por conta do seu potencial provocativo em sala de aula, então é preciso entender esse ator educacional enquanto sujeito capaz de instigar, nos alunos, pensamentos críticos, reflexivos e autônomos que os conduzam a questionarem a si mesmos e à realidade à sua volta e, nesse sentido, pensa-se que os estudantes da gastronomia também devem ser provocados a pensarem criticamente e analiticamente na medida em que estudem temas de natureza interdisciplinar.

A fim de abordar a temática do poder, sob a ótica de Michel Foucault, os docentes do componente curricular de ética e moral na gastronomia, por exemplo, podem fazer uso de recursos didáticos e pedagógicos, tais como a análise fílmica, para potencializar o ensino e a aprendizagem, sobretudo, entre aqueles que se identificam com os conteúdos de obras cinematográficas.

Nesse sentido, o filme intitulado “Gosto se discute”, dirigido por André Pellens e produzido pela Damasco Filmes, caracteriza-se enquanto recurso didático e pedagógico que pode colaborar, em muito, para os estudantes do campo da gastronomia ampliarem os seus repertórios intelectuais a respeito do poder, especialmente por vê-lo em plena operacionalização no espaço disciplinar da cozinha. Essa comédia brasileira, lançada em 2017, é um convite para os telespectadores se descobrirem enquanto sujeitos capazes de perceberem, exatamente, as dimensões microfísicas e capilares do poder.

O filme, quando assistido por telespectadores desprovidos de conhecimentos a respeito da teoria das relações de poder, pode ser resumido à história de um *Chef*, chamado Augusto, (Cássio Gabus Mendes), que, por conta da concorrência de um *food truck* de propriedade de um ex-funcionário, Patrick’s (Gabriel Godoy), entrou em decadência financeira e, por esse motivo, foi obrigado a submeter-se aos mandos de um banco parceiro que enviou a auditora Cristina (Kéfera Buchmann), para lhe impor uma série de normas e regramentos.

Ainda que, de modo geral, a referida comédia brasileira trate dessa questão, ela pode ser potencializada para que o estudante de gastronomia possa extrapolar, em muito, essa sinopse inicial ao perceber a artilharia do poder disciplinar em plena operacionalização no interior de uma cozinha de um restaurante tradicional localizado no Estado de São Paulo. A própria chegada da Cristina, ao restaurante, é bastante tensa e problemática porque, a moda de um poder tipicamente disciplinar, ela se instala, de repente, no restaurante, não necessariamente para eliminar o Augusto, mas, pelo contrário, para estudá-lo, analisá-lo, controlá-lo e submetê-lo, de tal modo a ajustá-lo a uma maquinaria de poder puramente lucrativa e produtiva. No diálogo abaixo, o leitor poderá observar o grau de imposição do poder que desconsidera a subjetividade e a historicidade de Augusto na condução do seu próprio estabelecimento.

Boa tarde. Eu sou a Cristina Falcão, do Banco Hospede (Cristina).

Ah, do Banco (Augusto).

Eu trabalho com o Gustavo Cotrim. Eu pensei em ligar antes, mas eu achei que não havia necessidade (Cristina).

Hum. E o que é que eles querem agora? Te colocar como uma nova *hostess*? Pode até ser uma boa idéia... risos.. (Augusto).

Não. De hoje em diante eu vou comandar uma auditoria aqui até recuperar o lugar (Cristina).

Oi? (Augusto).

De hoje em diante, eu vou assumir o lugar da gerente. Aliás, eu a demiti hoje cedo (Cristina).

O que? Você demitiu a Márcia? (Augusto).

Sim e por telefone (Cristina).

A partir desse momento de instalação oficial do poder no restaurante, entraram em cena as tecnologias disciplinares, cujo objetivo era docilizar os corpos de todos os indivíduos, tornando-os mais produtivos, dentro da engrenagem disciplinar da cozinha do restante “Gusto”. Além de organizar o espaço geograficamente, a fim de garantir a distribuição e a localização espacial de todos os corpos, Cristina decidiu instalar câmeras de vigilância sob o argumento de que era necessário garantir a maior segurança possível de todos os indivíduos que circulavam pelos espaços. No entanto, a ideia, muito enfatizada na trama, era puramente controlar e vigiar o desempenho dos corpos. Todos os bens do restaurante passaram a ser inventariados e os copos quebrados, pelos funcionários, passaram a ser descontados de seus salários, algo nunca antes realizado por Augusto enquanto estava à frente da administração do estabelecimento.

Além de percorrer todos os espaços do restaurante, realizando entrevistas com cada um dos funcionários para entender, exatamente, como funcionava cada atividade, Cristina passou a defender a tese de que, para organizar as contas e colocá-las em dias com os fornecedores, era necessária a realização de alterações no cardápio do restaurante, visto que o mesmo não mudava há anos e, em paralelo a esse novo cardápio, deveria ocorrer uma modernização no leiaute que já foi o mais badalo de São Paulo. Inconformado com toda a situação, Augusto optou pela resistência a esse poder que se apresentava, pelo menos inicialmente, puramente repressor.

O filósofo Michel Foucault (2013), em *Vigiar e Punir* defendeu a tese de que não há exercício de poder sem a existência de um campo de resistências. Nesse sentido, só há que se falar em exercício de poder dentro de uma perspectiva de liberdade dos corpos. É essa liberdade, portanto, que garante o embate de forças e a batalha de narrativas porque se o poder fosse unicamente negativo e repressivo, argumentou Foucault (2013), ele não produziria nenhum comportamento produtivo. Dessa maneira, para estimular a mudança de comportamento em Augusto, Cristina optou por retirar de utilização o forno de cozinha automático que Augusto tanto gostava, convertendo-os em uma conta ativa do balanço

patrimonial do restaurante. Esse dispositivo utilizado pela Cristina corresponde à sanção normatizadora, que ocorre todas as vezes que se acionam regramentos de punição para fazer com que determinado corpo se ajuste aos normativos de controle e vigilância previamente prescritos. No trecho a seguir, os leitores podem observar como o forno passou a ser um elemento de barganha da Cristina, a fim de moldar o comportamento de Augusto em prol da elaboração de um novo cardápio.

Quer carona? (Augusto)

Não, obrigada. Eu preciso terminar o balanço do mês (Cristina);

Posso ajudar? (Augusto)

Pode. Termina logo esse cardápio. (Cristina);

E o meu forno? (Augusto).

Espera só mais um pouquinho. É por uma boa causa. Acredita em mim (Cristina)

As resistências de Augusto foram, aos poucos, sendo enfraquecidas dentro da narrativa fílmica e o ápice desse enfraquecimento ocorreu quando os representantes do banco resolveram entregar o restaurante ao Patrick's, ex-funcionário e ex-pupilo de Augusto e principal concorrente dele. Esse fato desencadeou uma série de sofrimentos emocionais em Augusto que, por conta da pressão para inovar o cardápio, em curto espaço de tempo, perdeu o paladar e começou a realizar exames médicos para descobrir o que estava acontecendo com ele. No trecho abaixo, é possível observar um dos inúmeros momentos da trama no qual a Cristina pressiona Augusto para que este fabrique um novo cardápio.

Bom dia. Estava no hospital? (Cristina);

Eu? Como assim? (Augusto);

E esse adesivo aí em sua camisa? (Cristina);

Ah, É. Eu fui fazer um exame (Augusto);

Exame de que? (Cristina);

De rotina (Augusto);

Falando em rotina, você já tem alguma coisa para o cardápio novo? (Cristina);

Quando eu tiver alguma coisa, eu te mostro (Augusto);

Quando tiver? (Cristina);

É arte; é uma criação. Você nunca vai entender isso (Augusto)

Ainda que resistente e se confrontando com os dispositivos do poder até o final da trama cinematográfica, Augusto decidiu, então, participar do exame dos melhores de São Paulo, um instrumento avaliativo que mede a competência gastronômica de um restaurante pelo número de pratos atribuídos pelos avaliadores. Assim, vencer o prêmio de 5 (cinco) pratinhos dos melhores de São Paulo se tornou a única possibilidade para Augusto continuar com o restaurante em funcionamento.

Você está maluca? Melhores de São Paulo? Cinco pratinhos? Esses caras só avaliam restaurantes badaladinhos (Augusto);

Eu vou te falar uma coisa: os caras do banco querem dar isso aqui ao Patrick`s a não ser que você ganhe os 5 pratinhos (Cristina);

Para o Patrick`s? (Augusto);

O cara pode ter o ponto que ele quiser em São Paulo, mas ele só faz negócio se ele assumir o seu restaurante (Cristina);

Esse filho da puta me odeia (Augusto);

Então, é melhor você se mexer senão você vai parar em um restaurante a quilo (Cristina);

Que restaurante a quilo, o que?... risos ... (Augusto);

É isso que você quer? Servir empadão e ovo de codorna? (Cristina).

Em uma das terríveis noites de estresse e com a pressão arterial elevada, o médico de Augusto lhe dá, a contragosto, um calmante que o faz dormir, oportunidade na qual ele tem um sonho com os orixás e obtêm a inspiração para a preparação de um novo cardápio em homenagem aos deuses africanos. Nesse sentido, Augusto reorganizou todos os corpos em sua cozinha, dividindo tarefas; atribuindo novas competências e racionalizando o espaço, de tal maneira que cada corpo se articulasse a outro para produzir a iguaria que poderia mudar o seu destino e o de todos ali presentes. Nas falas abaixo, os leitores poderão perceber como cada corpo passou a se reconhecer no espaço disciplinar da cozinha, por meio de um quadriculamento e como eles foram estimulados a atuarem conjuntamente na perspectiva da tecnologia do exercício.

Robervânio, você vai tomar conta dos temperos, mas a voz de comando é do Reginaldo (Augusto);

Palmas para os novos subchefes (Augusto);

Chef, muito obrigado (Reginaldo);

Calma; calma; tudo dará certo (Augusto);

Bom, vamos aos trabalhos (Augusto);

Agora vem cá, me explica que loucura é essa de colocar um garçom na cozinha e um gago na voz de comando (Cristina);

O Reginaldo é um gênio e o Robervânio é filho de uma mãe de santo (Augusto);

Ele é gaúcho (Cristina);

E daí? Você sabia que em Porto Alegre tem mais terreiros do que em Salvador? (Augusto);

Um gaúcho que entende de Santo e um baiano cuidando da organização (Cristina).

É isso mesmo (Augusto).

Confiante de que sairia vencedor do prêmio, conforme revela o diálogo entre Augusto e Celino, quando Augusto diz ao mesmo “[...] Esse ano é meu, Celino. Cinco pratinho; cinco pratinhos e eu vou ficar exatamente onde eu estou”, o restaurante *Gusto* saiu, de fato, vencedor dos melhores de São Paulo, recuperando o seu prestígio e reconhecimento entre os artistas e a alta sociedade paulistana que, historicamente, sempre se deliciou nas iguarias produzidas pelo *Chef* mais badalado da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, as obras cinematográficas do gênero comédia são lembradas, unicamente, enquanto recurso cultural destinado a estimular o riso, a alegria e o entretenimento, não possuindo, pelo menos inicialmente, nenhum compromisso com análises mais críticas e reflexivas. Entretanto, essas obras podem ser utilizadas enquanto um potente recurso didático e pedagógico no intuito de abordar temas variados do campo

das ciências, da filosofia, da arte e da história que possibilitem ampliar os repertórios culturais e intelectuais dos telespectadores.

O campo da gastronomia, caracterizado enquanto área de conhecimento de natureza tipicamente interdisciplinar é atravessado pela necessidade de debater temas portadores de elevadas complexidades epistemológicas, tais como ética, moral, liberdade, poder, ideologia, saúde e higiene, somente para citar alguns, que necessitam de uma abordagem teórica cuidadosa e da utilização de recursos didáticos e pedagógicos capazes de ilustrar a aplicação concreta desses conceitos na elaboração das iguarias.

Nesse sentido, este manuscrito buscou abrir a caixa de ferramentas da filosofia francesa de Michel Foucault para apresentar aos seus leitores as principais características da teoria das relações de poder, evidenciando que, diferentemente de pensar o poder enquanto elemento puramente negativo e repressivo que destrói e dilaceram os corpos, ele deve ser entendido como uma força altamente produtiva que tem como objetivo produzir pensamentos, comportamentos, gostos e atitudes dentro de uma engrenagem de controle e vigilância.

Para ilustrar a operacionalização do poder no campo gastronômico, optou-se por analisar a comédia nacional intitulada “Gosto se discute”, destacando alguns trechos da trama cinematográfica que podem ser utilizados, pelos docentes da gastronomia, para mostrarem a seus alunos a plena operacionalização do poder no interior de uma cozinha de um restaurante tradicional situado no Estado de São Paulo.

Por fim, espera-se que este manuscrito sirva para inspirar docentes, coordenadores pedagógicos, coordenadores de cursos, chefes de departamento, alunos e demais atores do campo educacional no sentido desses fazerem uso de obras cinematográficas enquanto um recurso didático e pedagógico extremamente potente para estimular, nos alunos, o desenvolvimento de pensamentos críticos, reflexivos, analíticos e propositivos capazes de provocar, em cada educando, a ampliação de seus repertórios culturais e intelectuais.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Revisão técnica de Walter Omar Kohan e Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 12. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

FERRY, Luc. **A sabedoria dos mitos gregos**: aprender a viver II. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 41.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Introdução à filosofia**. São Paulo: editora Manole, 2002.

GOSTO se discute. Direção: André Pellenz. Produção executiva de Marcus Baldini e Marcelo Monteiro. São Paulo: Imagem Filmes, 2017. 1 CD. (90 min), son.,color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PbUhV0wLD80>>. Acesso em 01 out. 2022.

HOFFMAN, Marcelo. Poder disciplinar. In: TAYLOR, Dianna. **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 44-62.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 28.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p.7-34.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **O poder e o conhecimento: introdução ao pensamento de Michel Foucault**. Salvador: Edufba, 2014.

TAYLOR, Chloe. Biopoder. In: TAYLOR, Dianna. **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. p. 63-82.

WARBURTON, Nigel. **Uma breve história da filosofia**. Tradução de Rogério Bettoni. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

Recebido em: 10/11/2022

Aprovado em: 15/12/2022

Publicado em: 22/12/2022